



# A Ação Educativa no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

**Lucila Silva Telles**

**Chefe do Setor de Difusão Cultural / CNFCP**

Para falar da ação educativa que desenvolvemos no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, preciso falar um pouco dessa instituição e de como foram e são permanentemente construídos os diálogos que travamos com os educadores que nos chegam, seja diretamente, seja por meio de seus alunos.

Não trouxe aqui para vocês nenhum objeto do acervo do Museu de Folclore, que algumas vezes usamos para iniciar a conversa com educadores. Nela, partimos de um objeto museológico, que carrega um conjunto de saberes, histórias, crenças e expressões em sua confecção e utilização no contexto em que foi recolhido, mais ou menos como em geral são as peças de museu. Tem uma longa trajetória, portanto, até se tornar um objeto estático, que não pode ser tocado, sob pena de se cometer alguma heresia; pois se ele está em um museu, merece certa reverência porque carrega um valor, certa carga reverenciável mesmo, que a maioria dos visitantes que nos chegam não sabe qual é; só sabe que existe.

Esse distanciamento reverente do público diante do objeto de museu, ou do texto em uma publicação especializada, é um pouco o que nos move. Também nos movem outras reverências distanciadoras percebidas nesse público, como com o tema folclore, que todo aluno em qualquer escola aprende que significa “saber do povo”, algo que é importante o suficiente para ter uma data especial que precisa ser comemorada a cada ano, embora ele não tenha idéias muito claras do que sejam o saber e o povo a que o termo se refere.

Assim, a partir da observação desse público, os educadores e educandos que formam a maior parcela de visitantes e pesquisadores de nossos acervos, e pensando em atendê-los de maneira a responder, de um lado, às suas questões e expectativas, e de outro, às nossas



próprias, é que se foram construindo as linhas do trabalho educativo no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular a partir dos anos 80.

É importante frisar aqui que, assim como a pesquisa, a educação sempre foi uma importante linha de ação dessa instituição. Desde os anos 50, quando foi criada como Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em 58, até a década de 70, ela era marcada pelas ações de pesquisa e difusão – o museu é bem posterior, de 68. E essa difusão tinha como objetivo claro a escola, onde eram realizados concursos de redações, eram feitas premiações para trabalhos escolares, eram distribuídas publicações. Temos até hoje, e alguns de vocês devem conhecer, vários exemplares das séries Cadernos de Folclore e Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro (que são uns disquinhos compactos). Cada número dessas séries tinha tiragens em torno de 10.000 exemplares, distribuídos massivamente pelas escolas do país. Com esse esforço de enorme fôlego, que tem origem nas recomendações da Unesco, no pós-guerra da década de 40, no sentido da reconstrução das nações por meio da valorização da identidade dos povos, a Campanha consegue inserir de maneira definitiva o tema na pauta escolar, no calendário oficial e no imaginário de sucessivas gerações de brasileiros.

A grande procura que temos ainda hoje por parte das instituições de ensino, particularmente do ensino fundamental, é resultado daquele esforço da Campanha. E a esse público dirigimos boa parte de nossas atenções.

A partir da década de 80, quando o Centro passa por uma reformulação das linhas conceituais que orientam sua atuação, a partir da aproximação com a antropologia, o folclore passa a ser entendido como um campo de estudos voltado para os conjuntos complexos de saberes, crenças, expressões, visões de mundo e modos de vida dos homens e mulheres de uma sociedade ou de grupos sociais dentro dela. Expressões de sua cultura, que estão em permanente transformação.

Mais ou menos nessa mesma época, também o conceito de educação, para a equipe que trabalhava nessa área, se amplia, entendida como processo de transmissão, algo permanente na vida em sociedade e, portanto, uma das dimensões da cultura dessa sociedade. Nesse sentido, todas as iniciativas de difusão, voltadas para tornar públicos acervos, resultados de pesquisas e discussões nesse campo de estudo são encaradas como ações educativas, ações de formação de público.

Seja na concepção e montagem de uma exposição, seja na linha de uma edição, na construção de uma página da internet, na programação de uma mostra de vídeos, etc., etc., essa função de formação de público se dá, de maneira mais ou menos explícita, e ali estarão sempre presentes argumentações, escolhas, desejos de comunicar conceitos, visões, certezas e



incertezas; desejo de dialogar, de saber que recepções essa comunicação tem, que impactos gera, e, claro, que público é esse.

Essas respostas nos vêm majoritariamente do público escolar, que com frequência põe em xeque a eficácia de nossa comunicação, seja explicitamente, quando questiona a estrutura da exposição permanente, que não tem muitas informações objetivas, não oferece visitas guiadas para grupos, não se divide em regiões; seja implicitamente, quando encontra dificuldades em fazer sua pesquisa na biblioteca e deixa as bibliotecárias de cabelo em pé.

Muitos desses grupos vêm, alunos e professores, buscar informações bastante genéricas para seus trabalhos em sala de aula, e querem levar para a escola, de uma só vez, por exemplo, o folclore do Brasil, ou o folclore da Região Nordeste, ou as danças típicas da Região Sul. São demandas que costumam ter por fim a realização de uma grande festa, que envolve toda a escola e conta com danças, músicas, comidas, etc., para comemorar a data dedicada ao folclore. O evento termina, e o tema será retomado no ano seguinte, quando novamente a programação se inicia com pesquisas à biblioteca e segue com visita ao museu.

Buscando mexer com esse público, no sentido de ampliar os conceitos de folclore com que a escola trabalha e recolocar os conceitos de museu e de pesquisa em biblioteca, é que foi sendo construída a ação educativa que desenvolvemos no Centro.

### **Visita preparatória**

A partir de contatos diretos e individuais de professores que nos procuravam com dúvidas sobre como trabalhar os temas com seus alunos, pedíamos que eles visitassem a exposição permanente e nos voltassem com as questões que a visita lhes tinha suscitado. A partir dessa conversa seguinte, que em geral se abria com a discussão sobre as ausências e presenças de temas por eles detectadas na exposição e de suas expectativas, a escolha de outros caminhos para seu trabalho era possível, já que “o folclore” passava a ser visto como algo muito mais próximo de seu universo e de seus alunos. Essas experiências definiram as visitas preparatórias, que são sempre oferecidas aos profissionais que vêm agendar uma visita de sua turma.

Essas visitas preparatórias hoje acontecem de maneira mais sistematizada. Oferecidas uma a cada mês, em média, nelas professores de diferentes realidades se encontram conosco para essa prática, que se inicia com um panorama geral sobre o Centro, vamos à reserva técnica do museu com um museólogo da casa, que fala do caminho que um objeto percorre desde o local em que foi coletado em pesquisa de campo até fazer parte do acervo, e também dos critérios de organização desses objetos na reserva. Depois passamos à visita à exposição, em que nós, da Difusão, falamos bem pouco, apenas pontuando algumas áreas que julgamos estratégicas, e por



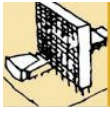
fim voltamos à conversa. É sem dúvida a melhor parte. E o fato de ser quase sempre um grupo de pessoas que em geral não se conheciam é um ganho extra para todos, com as trocas que ocorrem, as diferenças e afinidades que vão surgindo e sendo tratadas ali. Ao final, eles levam para casa alguns textos, entre eles os que integram o guia impresso que é oferecido na exposição.

A opção de não oferecer visitas guiadas aos grupos parte do pressuposto de que é o professor, que conhece a realidade de seus alunos, o melhor guia para sua turma. A partir desse encontro prévio, ele tem condição de estabelecer a melhor maneira de explorar a exposição, trabalhando os temas que elegeu, antes, durante e depois da visita. A ele sugerimos mesmo que – como o universo que a mostra apresenta é enorme, com possibilidades infinitas – faça suas escolhas, elegendo algumas áreas e descartando outras, com o fim de fazer desse museu um objeto permanente de pesquisa, como quando escolhemos um capítulo de um livro para trabalhar, sabendo que sempre poderemos voltar ao mesmo livro para estudar outros capítulos, em qualquer seqüência.

Há alguns anos fizemos uma pesquisa especial para sondar os resultados da visita preparatória. Uma estagiária nossa que não era conhecida do público identificava na agenda as visitas de turmas cujos educadores tinham ou não participado de preparatória e saía para a exposição, onde ficava passeando como se fosse uma visitante qualquer, aproximando-se discretamente do grupo escolhido. Embora não tenha sido um trabalho mais constante e seus resultados não tenham chegado a uma sistematização, seus relatos sempre confirmavam que estávamos na direção certa: enquanto os professores que tinham feito a preparatória circulavam com mais segurança pelos espaços, exploravam alguns temas e até arriscavam alguns palpites, grande parcela dos professores que não tinham participado chegava ao museu pela primeira vez, portanto na mesma condição de seus alunos, e, na entrada de algumas galerias, emudecia pelo impacto do que não esperava encontrar e pela ausência dos temas e informações que esperava reconhecer.

## Museu

Uma das queixas mais freqüentes por parte do público que visita a exposição permanente é a falta de informações. Os objetos ali estão, na maioria das vezes, inseridos em conjuntos, pelos quais queremos comunicar seus contextos de produção e uso. Optamos por abolir textos referenciais, assim como vitrinas, com a finalidade de, oferecendo menos “barreiras” entre os objetos e o público, atingir sua sensibilidade e mesmo provocá-lo pelo estranhamento. As reações são, claro, as mais diferentes possíveis, e gostamos muito das negativas também, não pelo



simples gosto de ter provocado, mas porque de fato nos dizem muitas coisas sobre essas e outras escolhas que fizemos, sobre nossa maneira de expor, de argumentar.

Para aqueles que buscam mais informações, é oferecido o guia impresso, mas sua leitura se mostra difícil e mesmo impossível em alguns momentos, quando a luminosidade é bastante rebaixada.

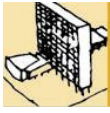
A saída surgiu então com o guia sonoro, mais conhecido como audioguide, um aparelhinho individual por meio do qual as pessoas vão poder acessar informações sobre o que estão vendo. Ele está finalizado e falta bem pouco para ser implantado. Iremos fornecer informações de maneira mais ampla e confortável para o público, mas continuaremos de alguma forma a provocá-lo, pois os conteúdos ali oferecidos não são sempre objetivos. Resultado de um exaustivo e sensível trabalho de pesquisa nos muitos acervos da casa, o guia sonoro apresenta falas diversas, músicas, depoimentos, sons que buscam sugerir contextos, profundidades em torno de determinados objetos ou conjuntos ali expostos.

### **Projetos educativos**

Os projetos itinerantes levam para as escolas, e eventualmente para instituições de cultura, um recorte dos acervos do Centro. Dizemos recorte porque são de fato seleções, escolhas assumidas pela equipe, de temas e abordagens que nos parecem mais apropriados por diversos critérios, e um deles, que está no argumento de cada um dos projetos, são os módulos temáticos que estruturam o roteiro da exposição permanente – Vida, Técnica, Religião, Festa, Arte.

### **Olhando em volta**

A distância geográfica de algumas escolas do Rio e Grande Rio, além de dificuldades de infra-estrutura para a saída de turmas em visitas e passeios, atreladas ao desejo da equipe da casa de trabalhar, além dos conceitos de folclore, os de museu, de objeto museológico, deram origem ao primeiro projeto, o Olhando em Volta, uma pequena exposição criada para ser montada pelos alunos com o fim de desvelar os bastidores de um museu, ou seja, a trajetória que um objeto percorre desde que entra em uma instituição museológica até o momento em que integra uma exposição e por meio dela é apresentado ao público. Assim como em um museu, há fichas de tomo, pincéis e flanelas para higienização, vitrines para serem montadas, painéis para fixação de fotos e textos relacionados. O projeto permanece cerca de um mês na escola e, nesse período, os alunos lidam com os objetos e com as informações oferecidas sobre os temas de que tratam, são estimulados a buscar outras fontes e outros objetos, em seus acervos pessoais e no universo em que vivem. Olhando em volta, eles se apropriam com mais segurança dos temas propostos, compondo assim uma exposição autoral. Depois do processo que precede a



montagem, a exposição pronta é divulgada pelo grupo e será visitada por outras turmas, outras escolas, parentes e vizinhos, que registram sua presença e também suas opiniões em livros próprios.

Olhando em Volta tem dois módulos que circulam há anos – um trata de arte e artesanato, com foco em alguns artistas que expuseram na instituição, e outro que aborda algumas festas tradicionais – e um terceiro, ainda inédito, que circulará em 2006, cujo tema é trabalho. Esse módulo se diferencia dos anteriores por propor uma estrutura mais aberta: os textos em que o apresentamos abrem uma infinidade de temas possíveis de ser trabalhados, muitos dos quais não estão necessariamente representados pelos objetos que ali estão, o que implicará mais pesquisas, discussões, buscas de outros acervos e, o que mais nos interessa, grandes vôos. Esse módulo é mais apropriado aos adolescentes, pela maior proximidade que essa faixa tem com as questões do universo adulto – trabalho, profissionalização, etc.

### **De mala e cuia**

A pesquisa do público na biblioteca gerou o projeto De Mala e Cuia. Literalmente invadida nos meses em torno de agosto, a Biblioteca Amadeu Amaral, a maior, na América Latina, especializada em folclore e antropologia cultural, não conseguia lidar com aqueles meninos e meninas, em sua maioria do ensino fundamental, que, em grupos, chegavam para pesquisar o folclore brasileiro, o folclore em regiões, diversos elementos ou traços 'típicos', entre outros temas genéricos e superficiais sobre os quais não faziam a mais pávida idéia ao chegar ali. Iam à bibliotecária, que indicava os fichários, e lá se viam inteiramente perdidos, sem qualquer intimidade com essa prática. Acabavam fazendo sua busca por assunto e, preenchida a ficha, a duras penas, não sem muitas galhofas entre si, entregavam-na à moça que lhes trazia um volume que na maioria das vezes não conseguiam sequer ler. Duas opções: copiam um trecho qualquer em que encontraram alguma palavra-chave ou voltam à moça pedindo algo como um breve texto, definitivo, com a definição exata daquele assunto. Ela então lhes apresenta uma publicação mais apropriada a essa abordagem um tanto superficial. Com tanto estresse, depois de perguntar a ela onde exatamente está, nesse novo livro, o que procuram, copiam sem ler e, felizes e aliviados, dão por encerrada sua dramática tarefa.

Essa cena ainda se repete hoje, mas com menor intensidade do que há cerca de 20 anos atrás. As bibliotecárias ainda têm um acervo estratégico para alunos desesperados, um acervo hoje mais atualizado e qualificado do que naquela época, que continha em seus títulos visões datadas, reducionistas e superficiais. Mas foi essa tensão de parte a parte dentro da biblioteca que gerou o projeto De Mala e Cuia. A demanda surgiu da equipe de bibliotecárias da época que



buscaram a área educativa propondo que se distribuíssem aqueles livros “estratégicos” para as escolas como forma de reduzir essa enorme e desordenada frequência naquele período.

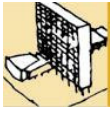
O projeto começou então a ser gestado, a partir de um levantamento exaustivo do acervo da biblioteca e das fichas das consultas realizadas. O caminho escolhido então foi oferecer tanto os temas mais recorrentes naquelas fichas, portanto demandas ‘tradicionais’, e outros, jamais buscados por esse público, mas que gostaríamos de ver contemplados nas pesquisas, como por exemplo os ritos de passagem. Entre alguns ótimos retornos dessa escolha, e que nos oferece inúmeros significados, há a expressão de espanto e curiosidade registrada por um menino no caderno de impressões que acompanha o projeto: “Eu não sabia que casamento era folclore!”.

O acervo do De Mala e Cuia é composto por livros, revistas, catálogos de exposições, recortes de jornais, folhetos de cordel, postais, além de algumas gravações sonoras e em vídeo. Estruturado segundo o roteiro temático da exposição permanente, apresenta textos em que conversamos com o professor, explicitando nossa busca, de apoiar a pesquisa escolar de maneira a proporcionar uma abordagem mais aprofundada do universo da cultura popular. É uma proposta para que percebam mais próximos temas aparentemente distantes do dia-a-dia de seus alunos, e a sugestão de cruzamentos possíveis entre inúmeras expressões costumeiramente tratadas de maneira estanque, como as crenças, saberes e relações sociais envolvidos na preparação e realização de uma festa. Propõe-se ali, portanto, a apropriação dos temas por meio da investigação de seus contextos; uma mudança radical, como quando se muda de mala e cuia.

### **Fazendo fita**

Finalmente, o projeto Fazendo Fita, o mais recente de todos, oferece acervos de músicas e vídeos. Tendo por base também o circuito da exposição permanente, faz um passeio por um extenso universo de músicas cujos temas, ritmos e contextos de ocorrências permitem estabelecer inúmeras relações para tratar a cultura popular; nessa mesma linha, mas em menor escala, pela própria limitação de títulos, estão selecionadas as produções em vídeo.

Com esses três projetos, parte dos acervos institucionais, em seus diferentes suportes – bibliográfico, museológico e sonoro-visual –, é oferecido para as escolas. Nos últimos anos temos tido experiências novas de circulação desse material, em outras cidades e estados, em que os projetos percorrem as redes de ensino sob coordenação de instituições locais. Seu destino natural é ganhar autonomia – pois já alcançaram a maioria – e, principalmente, se multiplicar em diversas malas ou baús com esses e outros acervos, constituídos nas vivências, memórias e desejos coletivos de que temos apenas vagas e eventuais notícias.



Embora o desejo de manter à distância esse público – algumas vezes curioso e inquieto, outras, indiferente e passivo – tenha se expressado em algumas vozes no início dessa trajetória e ainda seja ouvido aqui e ali, essas experiências, ao contrário, nos tornam mais próximos, e mesmo cúmplices.